



A ASEL ENTREVISTA A PROFA. DRA. ANGELA MARIA TENÓRIO ZUCCHI, DOCENTE DO DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS, DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-FFLCH/USP

ASEL: Profa. Angela, a Senhora poderia fazer uma apresentação sua, uma descrição de sua formação científica? Mais ou menos, aquilo que achar conveniente para estimular o estudante de letras na sua busca de sentido?

Angela M. T. Zucchi: Falar sobre mim mesma é um grande desafio. Requer reflexão sobre uma apresentação que poderia ser sucinta e profissional ou incluir aspectos da vida pessoal que me levaram a ser professora, tradutora, docente universitária e pesquisadora, principalmente nesta primavera em que completei 53 anos.

Minha vida pode ser vista como um caleidoscópio, como me disse uma vez uma colega, conforme eu lhe contava algum fato pessoal. Enfim, somos o que somos pelas experiências que vivemos.

Venho de uma pequenina e linda cidade do interior paulista, daquelas em que se podia fazer tudo a pé, onde, naquele tempo, havia somente três escolas, todas públicas. Venho de uma geração em que o desejo de se fazer uma faculdade não era unânime, principalmente entre as mulheres. Querer estudar em uma universidade pública, infelizmente, significava sair da cidade, deixar família e amigos. Dependendo da carreira a seguir, significava também não voltar. Eu amava as aulas de português, com nossa querida professora Ivete Puntoni. No antigo 1º grau, da quinta à oitava série, com a D. Ivete, descobri a escrita, a formação das palavras, a sintaxe de uma forma lógica e precisa. Ao mesmo tempo que líamos autores consagrados, fazíamos também análise de letras de música, como Sampa de Caetano, trazidas na cor roxa do mimeógrafo. Refletíamos sobre o escrever literário, o popular e o nosso modo caipira de falar. Sem perceber que talvez fosse essa a sua intenção, a noção de adequação da linguagem, aprendi com ela. O colegial, oficialmente denominado 2º grau, foi marcado pelas aulas da D. Leslie, a professora de português que nos dava oportunidade de encenar obras da literatura brasileira que líamos, na forma como queríamos, e aprendíamos brincando.

Com essas professoras, o enfoque na linguística e na literatura entraram na minha vida de forma muito prazerosa, assim como era minha vida em Brotas. Pois, era difícil pensar em sair da cidade, mas fazer uma faculdade e aprender línguas era meu plano de vida, então, fiz um ano de cursinho em outra cidade com incentivo e apoio de uma tia e, em fevereiro de 1988, estava fazendo a matrícula no curso de Letras. Com aprovação nos vestibulares da UNESP, de São José do Rio Preto, UNICAMP, de Campinas, e USP,

de São Paulo, optei pela capital paulista por razões básicas: seria acolhida por parentes nos primeiros meses e a cidade me ofereceria mais oportunidades de emprego para, em momento oportuno, pagar aluguel. Assim, fiz o curso de Letras, com habilitação em português, espanhol e italiano na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e o curso de Licenciatura na Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo.

Naquele tempo, de 1988 a 1992, quando fiz a graduação, não havia programas de permanência estudantil, ou seja, trabalho em forma de monitorias, como um tipo de bolsa de estudos para que os alunos permaneçam na universidade. Hoje, a USP oferece vários deles, mas infelizmente, devido à diminuição de arrecadação do ICMS pela crise e o comprometimento do orçamento, o número de vagas e lançamento de editais dos programas diminuíram. Mas, de qualquer forma, ainda existem. Como dizia, naquele período em que era graduanda não havia nenhum programa e eu precisava trabalhar para viver em São Paulo, continuar estudando. Ainda em 1988, participei do concurso para escriturários no Banco do Estado de São Paulo, BANESPA, fui aprovada, mas não convocada na primeira chamada. Procurava trabalho com horário que me permitisse estudar de manhã e que fosse de fácil acesso no trajeto campus-casa. Trabalhei na Operadora de Shopping Center Eldorado, como auditora de vendas Jr.; no Inter-graus, curso preparatório para vestibular, como revisora; dei aulas de reforço escolar para crianças do bairro onde morava e, em 1990, fui convocada pelo BANESPA. Trabalhei nessa instituição por seis anos.

Nossa turma de 1988 da graduação em Letras teve o privilégio de começar o curso no prédio que hoje leva o nome do Professor Emérito Antônio Cândido. O curso de Letras, até aquele ano, não tinha ainda um prédio próprio próximo ao conjunto de prédios da FFLCH na cidade universitária. Entretanto, não estava totalmente completo, pois sua biblioteca ainda ficava nas colmeias, uma construção térrea em forma de favos, onde até então funcionavam as salas de aulas do curso. Para se fazer o empréstimo de livros buscávamos as fichas catalográficas organizadas em gavetas de arquivo de aço e depois pedíamos no balcão, onde um funcionário nos trazia o material que nos interessava. Num processo que levou anos para se concretizar, hoje, dispomos do acervo integrado de todos os cursos da Faculdade num único edifício contíguo ao prédio das Letras, a excelente Biblioteca Florestan Fernandes. Em relação às pesquisas, a tecnologia facilitou imensamente nossas vidas. As buscas podem ser feitas através do sistema Dedalus¹, onde está registrado o acervo completo de todas as bibliotecas da Universidade de São Paulo, além de serviços de comutação entre bibliotecas de outras universidades públicas e ferramentas de busca em base de dados nacionais e internacionais.

Minha formação na graduação foi marcada por leitura de produções literárias - literatura brasileira, portuguesa, espanhola, hispano americana e italiana. Cada professor dava um enfoque diferente à literatura, conforme seu interesse e formação, assim, líamos, paralelamente às obras, textos de cunho estilístico, histórico, sociológico ou psicanalítico. Os estudos literários ampliaram minha mente e me formaram como pessoa. Também as aulas voltadas para os estudos linguísticos eram ricas de leituras e análises de textos literários, tanto em português, como em espanhol e em italiano. Mesmo nos anos iniciais, ainda não sabendo bem as línguas estrangeiras, as leituras eram obrigatórias aos alunos.

1. <https://biblioteca.fflch.usp.br/dedalus>

Naquela época, fim dos anos 1980 e início de 1990, em curso de línguas na universidade, os docentes, principalmente os que se aproximavam da aposentadoria, não tinham tido formação pedagógica com ênfase na competência comunicativa. Lembremos que os estudos linguísticos que reconheciam a importância dessa competência iniciaram-se nos anos 1970, desenvolveram-se nos anos 1980 e os livros didáticos concebidos na perspectiva da Abordagem Comunicativa começaram a surgir na década de 1990. Hoje, procuramos dar ênfase em todas as habilidades comunicativas (falar, ouvir, ler, escrever) de forma integrada, mesmo em sala de aula numerosa. Com as ferramentas tecnológicas, então, vamos muito além!

Ao mesmo tempo que era muito cansativo trabalhar e estudar, assistir às aulas dos bons professores eram momentos de deleite e de descanso do trabalho. Era encantador aprender a noção de relatividade, de ponto de vista do observador, de escolhas lexicais e morfosintáticas para produção de sentido e de estilos. Era uma alegria infinita poder, aos poucos, avançar em leituras complexas nas línguas estrangeiras que no início eram desconhecidas. O tempo deve ter apagado de minha memória os momentos de desânimo e desespero que, com certeza, ocorreram, como na vida de qualquer estudante universitário.

O curso inteiro foi muito especial sob diversos aspectos, mas houve três disciplinas que me marcaram muito, pois a partir das ‘sementinhas’ daquelas aulas pude me desenvolver como tradutora e como pesquisadora. Foram elas: “Expressões Idiomáticas e Convencionais”, da área de inglês, com a Profa. Stella E. O. Tagnin (com quem hoje tenho o enorme prazer de trabalhar), que nos levava a refletir sobre as línguas a partir de uma categorização das combinações sintagmáticas convencionalizadas pelos falantes e o que havia de idiomático, isto é, com sentido não transparente. Nessa disciplina aprendi o que eram as *collocations*, que foi meu objeto de estudo no mestrado. Com o Prof. Francis H. Aubert, em “Introdução aos Estudos Tradutológicos I e II”, fui apresentada ao sinuoso caminho da tradução e aos diversos tipos de textos que precisam ser traduzidos na sociedade (o papel do Prof. Francis foi crucial na minha decisão de prestar o concurso para tradutor público do estado). Já com a Profa. Neide T. González, de língua espanhola, aprendi as primeiras noções da linguística aplicada. Fiz uma pesquisa sobre a influência da língua italiana no espanhol da Argentina. A partir desse estudo descobri o lunfardo, um dialeto, originalmente de gueto, usado por imigrantes europeus, principalmente italianos. Com uma lista de palavras em lunfardo, mas nitidamente de origem italiana, entrevistei argentinos que moravam em São Paulo. Desta forma, uni as duas línguas que estudei na graduação. Na cerimônia de formatura, tive a honra de receber o canudo das mãos do Prof. Antônio Cândido, que já estava aposentado, mas nos brindava com suas Aulas Magnas e participação em momentos importantes de todos os tipos. Este ano tive o prazer de participar do evento online USP Profissões e apresentar nossa Faculdade e o curso de Letras aos vestibulandos. O vídeo está no Youtube².

2 <https://www.youtube.com/watch?v=X4RcJEoR7yk&t=1091s>



[Formanda Angela M. T. Zucchi recebendo o diploma de Bacharel em Letras pelo Prof. Antônio Cândido]

Sempre trabalhando, mesmo em um período de inflação descomunal, inúmeros planos econômicos e mudança de moeda (minha carteira de trabalho registra salário em cruzados, cruzados novos, cruzeiro, URV e, finalmente, em real), consegui ir para a Itália. Recebi uma bolsa de estudos da *Università per Stranieri Dante Alighieri di Reggio Calabria*³, com recomendação da Profa. Loredana Caprara, que mais tarde veio a ser minha orientadora de mestrado. Para realizar essa viagem, solicitei uma licença sem remuneração no banco por seis meses. Fiquei três meses em Reggio Calabria, dois meses em Bolonha, com primos de meu pai, da família Zucchi⁴, que não falavam uma única palavra em português, e um mês na Inglaterra, em *Ramsgate*, para um curso na *Churchill House School of English Language*⁵, pago quando ainda estava no Brasil.

Eu tinha 24 anos, fui sozinha da estação de trem de Bolonha, na Itália, para a estação de trem de *Ramsgate*, no sul da Inglaterra, atravessando o canal da mancha de navio. Em uma época em que não havia internet, em que os meios de comunicação eram telefone fixo, cartas, telegramas e para obter informações para viajar contávamos com experiências de amigos e agências de viagens. Havia muitos descontos para jovens viajantes e planos de passagens de trens, como o *Eurorail*⁶ pass, que hoje pode ser reservado pela internet.

Viver no país onde se fala a língua que se quer aprender é uma experiência importante, mas posso afirmar com experiência posterior, que é muito melhor ir para o país estrangeiro

3. <https://www.unidarc.it/>

4. Tristemente histórias de separação de famílias são comuns entre famílias que imigraram.

5. <http://www.churchillhouse.com/>

6. <https://www.eurail.com/en/deals/eurail-pass-benefits>

já sabendo a língua em um nível avançado. Sempre agradeço aos meus pais por terem compreendido minha necessidade de ampliar horizontes e de sempre aprender.



[Nazareno e Benedita, pais da Profa. Angela]

ASEL: Que cursos de Pós-graduação realizou, ou pós-doutorados, e que influência tiveram na sua atuação, na FFLCH, como professora e orientadora de pesquisa?

Angela: Dei continuidade aos estudos fazendo o curso de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, ainda no Departamento de Letras Modernas da FFLCH, sob orientação da Profa. Loredana de StauberCaprara. Minha proposta de pesquisa era estudar as colocações verbais em língua italiana para fins didáticos. Naquela época ainda não havia estudos sobre esse tema na Itália, o primeiro dicionário de combinações em italiano só foi publicado em 2009, por Francesco Urzì. Ao final do mesmo ano em que iniciei as disciplinas do curso, meu então namorado recebeu um convite de transferência de trabalho para Munique, no sul da Alemanha. Decidimos nos casar, tranquei a matrícula na USP e fomos para a Alemanha onde viveríamos por dois anos. No primeiro momento, ele ficou naquele país para um período de adaptação da língua e da empresa e eu fui para a Itália, para a escola *AccademiaLingua Italiana Assisi*⁷ onde estudei e lecionei italiano a alunas estrangeiras por um mês. No ano seguinte, fiz um curso de pós-graduação *lacto sensu* de especialização docente na *Università per Stranieri di Siena*⁸, com renomados linguistas e pesquisadores de didática de italiano como língua estrangeira. Fiz a monografia final sob orientação do linguista e lexicógrafo Maurizio Trifone e abordei o uso de determinadas colocações verbais por parte de italianos. Experiência que me ajudou a desenvolver a pesquisa quando retornei ao Brasil. O título de minha dissertação de mestrado foi “Um caminho para o ensino das colocações verbais em italiano língua estrangeira: glossário temático e exercícios”. Foi uma pesquisa que reuniu Didática de línguas estrangeiras, Fraseologia com enfoque nas colocações, alguns primeiros passos na Linguística de Corpus e Lexicografia. Confesso que naquele tempo não conhecia ainda a fundo o estudos lexicográficos, como vim a conhecer com a Profa. Maria Aparecida Barbosa durante o curso de doutorado. Iniciei o Doutorado em 2006, mas já era professora assistente contratada no DLM, na área de língua italiana, tendo sido aprovada em processo

7. <https://aliassisi.it/>

8. <https://www.unistrasi.it/home.asp>

seletivo para mestre no final de 2004. Apresentei projeto na seleção do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística. Fui aprovada e designada à orientação de nossa querida Profa. Maria Aparecida Barbosa. Meu desejo era dar continuidade ao glossário de colocações, mas a professora me colocou o desafio de tentar algo diferente relacionado a ensino e lexicografia. Assim, começamos uma nova pesquisa. Ter feito o Doutorado com a Profa. Maria Aparecida Barbosa foi um presente divino. Eu brincava que ela tinha a capacidade de desanuviar as ideias, pois nós, eu e outras alunas, chegávamos com ideias embaralhadas e ela traduzia tudo naquele linguajar preciso ao mesmo tempo claro, como só ela conseguia explicar. Ela nos faz muita falta.



[Profa. Maria Aparecida Barbosa, de azul, Profa. Angela, de vermelho e suas duas orientandas à época, Michele Datore e Fábila Mendes, e, de branco, atual doutoranda do PPG de italiano Silvana Azevedo, na última edição do *MiniEnapol de Lexicologia, Terminologia, Toponímia e Tradução*, em 2013.]

A inspiração para a criação da metodologia da pesquisa de doutorado veio de um trecho de uma sua publicação na *Revista Brasileira de Linguística*, intitulada “Da terminologia aplicada: recortes epistemológicos e funções pedagógicas” na qual ela nos explica que o processo de construção de um conceito pode ser gerado a partir do ‘fato’ ou de um discurso manifestado, através das relações sintagmáticas, em que o autor constrói o conceito. Exemplifico com minhas palavras: ao construir o conceito de uma garrafa d’água que tenho em mãos posso vê-la e distingui-la como tal, dado o conhecimento que já tenho desse objeto, ou posso descrever suas características para que meu interlocutor a interprete como sendo esse objeto. Na sequência, ela explica que o processo - digo com palavras minhas ‘o processo inverso’ - percorrido pelo lado do sujeito enunciatário -ou seja, quem ouve ou lê a descrição que faço de uma garrafa d’água - parte do discurso manifestado para construir o conceito que fará daquele objeto. E seu raciocínio segue para a definição em um dicionário. Em suas palavras:

qualifica-se, assim também, o percurso lexicográfico-terminográfico, enquanto processo que parte da manifestação do nível lexemático, com

as seleções, restrições e combinatórias sêmicas estabelecidas em discurso, para, num metadiscorso igualmente configurado como fazer interpretativo, articular semas representados por metatermos lexemáticos, operação de que resulta a definição (Barbosa, 2005, pg. 47).

Com a noção do processo da construção do conceito, elaborei uma pesquisa empírica⁹ com alunos de italiano do curso de Letras sobre a compreensão de determinadas unidades lexicais contextualizadas e o uso de dicionários. Dividi o número de respondentes em um grupo com uso de dicionário monolíngue em italiano, outro com bilíngue italiano-português e o terceiro grupo que não usou dicionários. Utilizamos dicionários eletrônicos de editoras reconhecidas disponíveis gratuitamente na rede. Resumindo a metodologia, os alunos deveriam escolher entre quatro alternativas de imagens uma que correspondesse à unidade lexical selecionada dos textos (foram 40 ULs distribuídas em 4 textos). O uso da imagem era para representar o ‘fato’, sem o recurso de signos verbais. A pergunta de pesquisa era se o dicionário auxiliaria o aprendiz de forma eficaz e quais eram os elementos presentes na obra que identificariam esse auxílio (ou o contrário, criaria dificuldades) na opinião dos alunos. As respostas foram tabuladas em planilhas Excel e analisadas estaticamente pelo Centro de Estatística Aplicada do IME/USP. Os resultados dessa pesquisa foram divulgados na associação europeia de lexicografia, a *European Association for Lexicography*¹⁰, EURALEX, em diversos outros eventos e, aqui no estado de São Paulo, teve uma certa repercussão na mídia, após a publicação de uma matéria sobre minha pesquisa no Jornal da USP, fui convidada para entrevista na Rádio Jovem Pam, na rádio universitária da UFSCar e na Rádio Cultura. Com os dados obtidos, continuo a passar a mensagem de que sem a consulta a um dicionário quando necessário, o aprendiz de uma língua estrangeira pode não ter a devida compreensão de palavras-chave e palavras comuns de um texto. Os dados mostraram que a competência inferencial nem sempre é suficiente. Em todos os textos apresentados, o número de acertos do grupo sem o uso de dicionários foi inferior aos demais. No geral, não houve diferença significativa entre o uso de dicionário bilíngue e monolíngue, mas tenho muitos dados específicos ainda a serem analisados.

Agradeço às pessoas que me proporcionaram as referências para o desenvolvimento daquela pesquisa e a valiosa avaliação. Na banca, em março de 2010, estavam presentes, como presidente, a Profa. Maria Aparecida Barbosa (DL/USP), como arguidores, a Profa. Ieda Maria Alves (DLCV/USP), Profa. Paola Baccin (DLM/USP), Prof. Herbert A. Welker (UnB) e Profa. Carla Marengo (*Università degli Studi di Torino*), professores pesquisadores a quem nutro profundo respeito e admiração. O Prof. Welker incluiu uma resenha de minha pesquisa em seu livro *Dictionary Use - A General Survey of Empirical Studies*¹¹, a versão atualizada e em inglês de seu livro “O uso de dicionários”, de 2006. A professora Paola Baccin, agora aposentada, contribuiu muito com a área de italianística deixando um especial legado, os cursos de italiano para brasileiros *Dire, Fare, Partire!* e *Dire, Fare, Arrivare*

9. Sou grata ao Prof. Gabriele Pallotti, Univ. Modena e R. Emilia pela conversa, auxiliando a metodologia.

10. <https://euralex.org/publications/o-uso-de-dicionarios-na-compreensao-escrita-em-italiano-le/> e <https://euralex.org/publications/la-performance-dellutente-apprendente-di-italiano-ls12-e-la-microstruttura-dei-dizionari-sussidi-per-lo-sviluppo-della-lessicografia-pedagogica/>

11. <https://hawelk.wixsite.com/hawelker/livros-publicados>

disponíveis on-line pela Cultura e Extensão da USP.¹² Na primeira lição do curso, participei com uma entrevista falando sobre dicionários.¹³

A convite da Prof. Marelllo, participei do projeto VALICO¹⁴ - *Varietà Apprendimento Lingua Italiana Corpus Online*, contribuindo com as produções de aprendizes brasileiros na formação desse corpus de aprendizes de língua italiana. Com noções de Linguística de Corpus, minhas aulas de língua italiana tinham (e seguem tendo) abordagem em corpus online. Dentro da proposta desse projeto publiquei, em parceria com minha colega de área, Profa. Cecília Casini, o capítulo de livro “*Fai attenzione in questo!*” *Apprendenti brasiliani di italiano lingua straniera di fronte a distrattori basati sui loro errori*, da Editora Guerra, em 2009. Nessa publicação mostramos como é possível trabalhar a gramática em língua estrangeira conversando com os alunos sobre inadequações linguísticas produzidas pelos próprios aprendizes. Com a Profa. Marelllo ainda tive a oportunidade de realizar o estágio de pós-doutoramento em 2014.



[Profª. Angela em Turim, na Itália]

Os cursos de mestrado, doutorado, a experiência de estudos na Itália, a convivência com professores muito competentes, a participação em eventos científicos e principalmente no GTLex¹⁵, grupo de trabalho da ANPOLL, me prepararam para estar na Pós-Graduação como orientadora, mas posso dizer que jamais seremos um profissional pronto. Cada orientação requer postura, estudos e direcionamentos diferentes, porque cada aluno pesquisador é diferente um do outro e passa por momentos da vida diferentes. Também em relação a esse aspecto sou muito grata às minhas duas orientadoras que sempre compreenderam meu desejo de estar na vida acadêmica ao mesmo tempo que já era mãe, de dois e depois de três filhos, e prezava, e ainda prezo, pelo bem-estar e saúde de minha família. Com

12. <https://cursosextensao.usp.br/course/view.php?id=131>

13. <https://youtu.be/xHCoPknBb4I>

14. <http://www.valico.org/>

15. <http://www.lettras.ufmg.br/gtlex/>

essa experiência, acredito que pude auxiliar em vários momentos orientando as minhas, e também dos programas de pós-graduação, que conseguiram levar a cabo suas pesquisas.



[Prof. Angela sob o olhar da filha Sofia]

ASEL: Poderia nos descrever as áreas de estudo a que se vincula e quais foram suas orientações?

Angela: Na curso de graduação, ministrei disciplinas de língua e cultura italianas e de estudos da tradução, teoria e prática. Na pós-graduação, ministrei disciplinas relacionadas às ciências do léxico, principalmente Lexicografia, Fraseologia, Fraseografia, Terminologia e Terminografia, com aporte também da Linguística de Corpus, e o papel delas na tradução e no processo de ensino e aprendizagem em línguas.

Talvez nem todos as conheçam, então vale a pena falar um pouquinho sobre elas. A Fraseologia compreende os estudos, de modo geral, das combinações sintagmáticas que são reconhecidas como expressões fixas pelos falantes ou, ainda, são verificadas como fixas com as ferramentas utilizadas através da abordagem da Linguística de Corpus. Muitas vezes não percebemos que utilizamos certas palavras sempre em combinação com outras. A classificação, categorização, taxonomia e denominação do que aqui chamo simplesmente de ‘combinação’ são inúmeras e muda conforme autor e conforme a tradição do país. Esse fato prejudica de certa forma a área, como apontou Sinclair na introdução do livro de Granger e Meunier, *Phraseology: an interdisciplinary perspective*. Se as combinações são de cunho específico, dentro de uma área de especialidade, adentramos no campo da Terminologia, que se ocupa das palavras na condição de ‘termo’ dentro de um domínio de conhecimento. A Fraseografia e a Terminografia são assim denominadas por serem a vertente lexicográfica de seus objetos de estudo, ou seja, os fraseologismos e os termos, respectivamente. Enquanto a Lexicologia tem por objeto a palavra, a unidade lexical, sob diversos aspectos, a Lexicografia se ocupa das obras lexicográficas, dicionários, enciclopédias, glossários e, hoje, com os avanços tecnológicos, podemos incluir as diversas formas de banco de dados e plataformas de consulta que não se caracterizam como os tradicionais dicionários impressos.

Bem, então, orientei trabalhos sob esses enfoques em dois programas. Exclusivamente na tradução, fiz parte, também como coordenadora, do programa de pós-graduação em Estudos da Tradução, o TRADUSP. Esse programa não existe mais individualmente e agora é uma

área de concentração dentro do novo programa Letras Estrangeiras e Tradução, o LETRA, que reuniu professores pesquisadores de vários departamentos da FFLCH e é dividido em três áreas de concentração: Estudos da Tradução, Estudos Literários e Estudos Linguísticos. Não há divisão por língua estrangeira nesse programa. Por outro lado, ainda resistem -digo resistir porque me parece que a CAPES tende a diminuir o número de programas, depois que ouvi vários discursos desde a comemoração dos 50 anos de Pós-Graduação no Brasil, desde que vi notas de programas sendo rebaixadas na avaliação do último quadriênio e, ainda, do recente corte de número de bolsas de estudos - pois, resistem os programas voltados para as especificidades da língua, literatura e cultura estrangeiras. No DLO, o Departamento de Letras Orientais, resiste o programa de japonês, língua que tem tido uma enorme procura pelos jovens na graduação. No DLM, resistem os programas de alemão, espanhol, inglês e italiano, do qual faço parte como orientadora e como vice-coordenadora.

Voltando às orientações, orientei pesquisas com enfoque linguístico-contrastivo em italiano-português através da crítica lexicográfica, estudos com abordagem da Linguística de Corpus para elaboração de glossários bilíngues, estudos sobre tradução de textos jurídicos, entre outras. Atualmente, tenho três orientandas que desenvolvem pesquisas na área do ensino de italiano. Todas as teses e dissertações defendidas na USP são acessíveis através do banco de dados <https://teses.usp.br/> e para encontrar trabalhos por orientador, deve-se colocar o sobrenome, vírgula, e primeiro nome. Por exemplo: Zucchi, Angela, para ver os trabalhos que orientei.

ASEL. A senhora pode dizer alguma coisa sobre as obras publicadas mais relevantes e os eventos que organizou?

Angela: Destaco, primeiramente, o artigo publicado em 2020 neste periódico, *Actas de Linguística*, da Universidade Federal da Paraíba, intitulado “Construção de conceitos lexicais: a compreensão desde leitura de textos a verbete de dicionário”, no v. 25 n. 2, em que trato da construção de conceitos a partir do discurso manifestado segundo Barbosa (2005), uma questão fundamental na realização do doutorado, como mencionei antes. O artigo traça um percurso para a conceptualização de uma unidade lexical em italiano (*mortaiò*) através de sua presença em diversos tipos de textos de diferentes registros de linguagem e de sua definição no dicionário monolíngue italiano *Il nuovo De Mauro*. A relevância desse artigo consiste na interdisciplinaridade entre os estudos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e os estudos lexicais, uma vez que oferece ao leitor o *modus operandi* da construção do enunciado definicional e demonstra um possível caminho de conceptualização por parte de um aprendiz de italiano. O percurso apresentado pode ser replicado para outras unidades lexicais por um professor de italiano como língua estrangeira.

No capítulo “Exemplos de colocações em dicionários de língua portuguesa e de língua italiana”, da coleção *As ciências do léxico - Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. VII, tratei das colocações verbais, focalizando os verbos que se combinam com o substantivo ‘erro’, seu correspondente *sbaglio*, em italiano, e a presença das colocações nas entradas desse substantivo em dicionários monolíngues em português e em italiano, gerais e de características específicas para aprendizes, e em dicionário bilíngue italiano-português. A investigação apontou que os dicionários gerais, tanto monolíngues como os

bilíngues, apresentavam mais verbos formando colocações verbais com erro/*sbaglio* que os declarados dicionários para aprendizes. Acredito que esse tipo de pesquisa focada em questões específicas seja útil tanto para lexicógrafos, que podem refletir a respeito de suas práticas, como para professores de italiano ao usar e indicar obras lexicográficas a seus alunos. Também relativa às combinações, não posso deixar de relatar minha participação no livro *O jeito que a gente diz - combinações consagradas em inglês e português*, da Profa. Stella Tagnin. Um livro muito especial para quem trabalha com ensino e tradução. Ela tinha a edição desse livro de 2005 e eu lhe havia sugerido que seria interessante fazer uma nova edição com exemplos em outras línguas, com nossas colegas do departamento. Ademais, a Profa. Tagnin é referência nos estudos da Linguística de Corpus aqui e no exterior e essa área, como está intimamente ligada com o desenvolvimento tecnológico, avança rapidamente no tempo, então, era previsto que seria oportuna uma edição atualizada dos capítulos que abordam corpora. Assim, em 2013, saiu a publicação da nova edição com exemplos das categorias em alemão, espanhol, francês e italiano, que foi a minha contribuição.

Um artigo que considero importante saiu neste ano de 2021, mas corresponde ao ano 2019, dos *Cadernos de Fraseologia Galega*, periódico que aceita artigos em diversas línguas e os traduz para o galego, com o objetivo de difundir essa língua. Esse número, coordenado pela Profa. Maria Isabel González Rey, reuniu pesquisadores do Brasil para homenagear a Profa. Maria Aparecida Barbosa, reconhecendo sua contribuição para os estudos do léxico. Ali, encontramos também os trabalhos sobre Fraseologia de Bevilacqua, Tagnin, Orenha-Ottaiano e Ortiz-Alvarez.

O título de meu artigo é "Orientación na universidade para a multiplicación dos estudos fraseolóxicos"¹⁶. A abordagem deste artigo é inédita, pois reúne o *locus* de produção de pesquisa, a Pós-graduação, com um tema e objeto de pesquisa, os estudos fraseológicos e os fraseologismos. Parte do ponto de vista da orientação acadêmica, considerando o pesquisador iniciante, o orientador e a comunidade acadêmica. O artigo visa a apresentar a estrutura dos cursos de pós-graduação brasileiros, considerando que foi publicado no exterior, visa a oferecer um quadro dos tipos de estudos fraseológicos e a importância desses estudos para a linguagem, além de trazer reflexões acerca da orientação. Foi escrito com um fio condutor: uma metáfora de uma viagem em que o orientador oferece mapas e instrumentos para o pesquisador iniciante, para que este possa escolher sua rota numa mar de possibilidades, possa encontrar e percorrer seu caminho rumo aos objetivos estabelecidos. Como o texto trata de orientação acadêmica, pode instigar reflexões sobre a atuação da orientação no contexto universitário, independentemente do tema e do objeto de pesquisa.

Sobre organização de eventos, a Profa. Maria Aparecida também esteve presente nesse quesito de nossa formação. Ela era a principal responsável, juntamente com a Profa. Maria Vicentina de P. do Amaral Dick e o Prof. Francis H. Aubert, das edições anuais do MiniEnapol de Lexicologia, Terminologia, Toponímia e Tradução que chegou a 16 edições. O evento era organizado pelos orientandos sob sua supervisão. Convidávamos pesquisadores especialistas em cada área tema do evento para fazer uma palestra que abriria uma sessão. Fazíamos a chamada entre os alunos de diversos programas de pós-

16. <https://doi.org/10.52740/cfg.21.21.05.00006>

graduação, organizávamos as sessões e o caderno de resumos. Com essa prática, senti-me apta a organizar eventos científicos, pequenos e grandes, inclusive internacionais.

Os eventos científicos são muito importantes para as universidades, formação acadêmica e o desenvolvimento de pesquisas. É quando os alunos têm oportunidade de se encontrar com os autores de suas referências bibliográficas, de apresentar seus projetos de pesquisas, ouvir sugestões, enfim, de crescer academicamente. Para os docentes é momento de grande troca, de insights para projetos em colaboração com colegas e, ainda, de estabelecer contatos para criação de disciplinas com professores visitantes, para coorientação ou intercâmbios internacionais em nível de pós-graduação.

Em 2018, organizamos na USP o Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia, com a comissão da Associação Brasileira de Fraseologia. Foi um evento que reuniu pesquisadores da área de quase todos os estados do Brasil, tivemos até mesmo inscritos vindos da Europa, além dos convidados palestrantes. Desse momento de encontro surgiram várias iniciativas que se desenvolveram em projetos e alunos que foram fazer intercâmbio por terem conhecido o professor da língua e da área relacionada ao seus estudos.



[Professoras Adriane Orenha, Angela Zucchi, Paula F. Pastore, Stella Tagnin, CleciBevilacqua, Rosemeire Monteiro, Luciana Carvalho, Maria Cristina Parreira, Congresso de Fraseologia e Paremiologia, em 2018, USP]

ASEL: Poderia nos dizer quais projetos estão sendo desenvolvidos?

Angela: Como mencionei antes, há vários programas de pós-graduação¹⁷ em cada um dos departamentos que formam o curso de Letras. Temos vantagens nisso por às vezes fazer alguma participação em projeto de um colega e muitas vezes os alunos se beneficiam do aprendizado coletivo em grupo de pesquisa de outro programa.

No grupo de pesquisa, registrado no CNPQ, LUPA - Lugar da Palavra em seus contextos - que coordeno juntamente com a Profª. Karine Marielly Rocha da Cunha, da Universidade Federal do Paraná, através de encontros mensais, estamos trabalhando as áreas das ciências do léxico e a metodologia proposta pela linguística de corpus com alunos

17. <https://dlev.fflch.usp.br/pos-graduacao-0> Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; <https://dlm.fflch.usp.br/> Departamento de Letras Modernas; <https://linguistica.fflch.usp.br/> Departamento de Linguística; <https://dtllc.fflch.usp.br/> Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada; <https://letrasorientais.fflch.usp.br/> Departamento de Letras Orientais

de graduação e pós-graduação das duas universidades para que se familiarizem com as diversas áreas, para que possam se aprofundar na área que escolherem e desenvolverem suas pesquisas atuais ou em preparação.

Neste quadriênio que se inicia, coordenamos o Programa de Pós-graduação Língua, Literatura e Cultura Italianas o projeto "Da intercompreensão à comunicação autêntica em língua estrangeira: percursos interdisciplinares". Temos seleção para ingresso nos cursos de Mestrado e Doutorado duas vezes por ano e esperamos que a cada ano tenhamos mais candidatos. Esse projeto de pesquisa se relaciona com outro iniciado em 2020.

Desde o ano passado, estou num projeto de ensino internacional intitulado "A intercompreensão para a mobilidade internacional: estratégias para ensinar e compreender as linguagens de especialidades com a Intercompreensão", financiado pelo Departamento de Relações Internacionais da *Università di Bologna* (financiamento que visa a beneficiar os estudantes envolvidos), cujos participantes são de três universidades e de duas áreas - linguística e engenharia. As universidades são: da Itália, *Alma Mater Studiorum Università di Bologna* - UNIBO (Departamento di Interpretazione e Traduzione e Dip. di Scienze Aziendali e Dip. di Ingegneria Industriale); do Brasil, Universidade de São Paulo (Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica e Departamento de Letras Modernas/ FFLCH) e, da Argentina, Universidad Nacional de Rosario - UNR (Facultad de Humanidades y Artes; Diseño estratégico para la innovación). Esse projeto teve sua sementinha plantada em 2018 por ocasião da vinda da Profa. Silvia Bernardini, da UNIBO, para o Congresso de Fraseologia e para a disciplina de pós-graduação Linguística de Corpus na Tradução, que organizamos com a Profa. Stella E. O. Tagnin. O projeto tem vários objetivos, mas os principais são viabilizar os intercâmbios e a mobilidade acadêmica entre as três universidades e promover a comunicação plurilíngue em línguas latinas através da Intercompreensão. Realizamos um curso introdutório de Intercompreensão, no qual atribuímos tarefas aos alunos de engenharia de produção das três universidades e ao final obtivemos resultados surpreendentes. Estamos planejando repetir o curso e aprofundar essa experiência.

Tradução e ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras são duas áreas de estudos com infinitas possibilidades de pesquisas e ações na sociedade. Uma sociedade que, espero, tenha mais respeito às variedades linguísticas e interesse pelo plurilinguismo.